

"Nós temos de voltar a crescer"

por Daniela Chiaretti
de São Paulo

"Não temos escolha. Temos de voltar a crescer." Com a frase, Abílio dos Santos Diniz, diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, resumiu os rumos que, no seu entender, o País deverá seguir no ano que vem. Num tom bastante otimista, Diniz discursou ontem no hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, abrindo os trabalhos do I Encontro Brasileiro de Marketing.

A retomada da economia, segundo Diniz, é um processo inevitável. O Produto Interno Bruto terá de crescer, no mínimo, 7% em 1985, comparado a um crescimento próximo a 4% neste ano. Este desempenho, analisa o empresário, representaria cerca de 1,4 milhão de empregos. Como a cada ano o contingente da população que ingressa no mercado de trabalho gira em torno de 1,2 milhão de pessoas, "ficariamos com um excedente de 200 mil pessoas para começarmos a absorver os 4 milhões de



Abílio dos Santos Diniz

desempregados que existem no País". O desemprego é um problema básico, diz o empresário, "portanto, a retomada da economia a níveis altos é mais que necessária. É uma imposição".

O empresário acredita na necessidade de se fazer uma renegociação da dívida externa e também numa revisão das metas traçadas com o FMI, que começa a pedir a liberação de importações. "Temos de continuar com a política de restrição às importações e

prosseguir com o esforço exportador, lutando por superávits na balança comercial", sugere Diniz.

Como em 1985 será difícil alcançar altos crescimentos nas exportações, vislumbra o empresário, será, por outro lado, "o ano do mercado interno". Na visão econômica do superintendente do grupo Pão de Açúcar, o mercado interno crescerá através do aumento da massa global dos salários, mediante, portanto, a diminuição do desemprego. "Colocaremos mais dinheiro em circulação, a serviço da demanda interna."

A inflação foi lembrada como um obstáculo ao processo de revitalização econômica. No seu combate, afirmou, é preciso contar com boas safras agrícolas e, mais que isso, com bons programas, que signifiquem alimentos fartos a preços bons. "Temos também de quebrar a rigidez da indexação da nossa economia", aconselhou. "O bom senso deverá prevalecer."